



CAPÍTULO 18

CONTRIBUIÇÕES DAS INTELECTUALIDADES NEGRAS NA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA

Juliana Silva Santana

Professora adjunta no curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará (UECE),
Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal do Ceará (PPGE/UFC)
<http://lattes.cnpq.br/7218143551127362>
<https://orcid.org/0000-0002-5234-4521>
Universidade Estadual do Ceará – UECE, Fortaleza – CE, Brasil

Gabriele da Silva Antunes

Professora temporária no curso de Pedagogia na Universidade Estadual
do Ceará (UECE). Mestra em Humanidades pela Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
<http://lattes.cnpq.br/5193924085316983>
Universidade Estadual do Ceará – UECE, Fortaleza – CE, Brasil

Larissa Karen de Paula Gomes

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE
<https://lattes.cnpq.br/4312203093491445>
Universidade Estadual do Ceará – UECE, Fortaleza – CE, Brasil

Vitória Maria Silva Sousa

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE)
<http://lattes.cnpq.br/3697329533283966>
Universidade Estadual do Ceará – UECE, Fortaleza – CE, Brasil

Amabyly Paulina Carvalho Pessoa

Graduada no curso de Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE
<https://lattes.cnpq.br/9371915348380975>
<https://orcid.org/0009-0009-9558-3125>
Universidade Estadual do Ceará – UECE, Fortaleza – CE, Brasil

RESUMO: A formação de professoras/es no Brasil requer, com certa urgência, um fortalecimento étnico-racial no que se refere ao uso de saberes, práticas e conhecimentos produzidos por intelectualidades negras; sendo essa necessidade de cunho pedagógico, social, político, legislativo, ético, dentre outros. No curso de Pedagogia, ao sermos atravessadas pela intelectualidade negra, percebemos nitidamente a ampliação de perspectivas, de possibilidades de atuação, de construção

de pensamentos engajados, além de reflexos em nossa identidade, autoestima, formação pessoal, profissional e social; tudo isso desdobramento do acesso aos afrossaberes historicamente negligenciado. Nesse contexto, esta pesquisa, de abordagem qualitativa, ancorada na Escrivência (Evaristo, 2020) e no Relato de Experiência (Mussi, Flores e Almeida, 2021), apresenta cinco experiências vivenciadas pelas autoras – sendo três delas sobre a formação em Pedagogia enquanto graduandas e duas delas enquanto professoras no referido curso – para, junto disso, compreender quais as contribuições das intelectualidades negras na formação em Pedagogia. Os principais achados revelam que o contato com intelectualidades negras, seja por meio da literatura ou via experiências práticas e cotidianas, tem contribuído na formação dessas mulheres, que têm seus processos identitários ressignificados, recolocando-se no lugar da intelectualidade e do empoderamento negro, fortalecendo o desejo e o conhecimento para a operacionalização da efetivação da Educação para as relações étnico-raciais, visando uma transformação social significativa e interseccional que encontre na educação um espaço-tempo de revoluções, afeto e reparação.

PALAVRAS-CHAVE: Intelectualidades negras; Formação em Pedagogia; Escrivências.

CONTRIBUTIONS OF BLACK INTELLECTUALS TO TEACHER TRAINING

ABSTRACT: Teacher training in Brazil urgently requires ethnic and racial strengthening in terms of the use of knowledge, practices, and insights produced by black intellectuals; this need is pedagogical, social, political, legislative, ethical, among others. In the Pedagogy course, as we are exposed to black intellectuality, we clearly perceive the broadening of perspectives, possibilities for action, and the construction of engaged thinking, in addition to reflections on our identity, self-esteem, and personal, professional, and social training; all of this is a result of access to historically neglected Afro-knowledge. In this context, this qualitative research, anchored in Escrivência (Evaristo, 2020) and Relato de Experiência (Mussi, Flores, and Almeida, 2021), presents five experiences lived by the authors – three of them about their training in pedagogy as undergraduates and two as teachers in that course – in order to understand the contributions of black intellectuals to training in pedagogy. The main findings reveal that contact with black intellectuals, whether through literature or practical and everyday experiences, has contributed to the formation of these women, who have had their identity processes redefined, placing themselves in the position of black intellectuality and empowerment, strengthening the desire and knowledge for the operationalization of Education for Ethnic-Racial Relations -racial relations, aiming at a significant and interseccional social transformation that finds in education a space-time for revolutions, affection, and reparation.

KEYWORDS: Black intellectuals; Training in Pedagogy; Writings.

1. INTRODUÇÃO

Considerando a intensa contribuição de intelectuais negros/as/es ao longo da história humana – quer por meio de trabalhos acadêmicos e científicos ou via saberes cotidianos e sociais –, percebemos cada vez mais o quão grave é a ausência ou incipiência de afrossaberes no processo de formação de professoras/es e, conseqüentemente, na escolarização básica. Especificamente no campo da Pedagogia, devido às diversas frentes de atuação, constata-se a importância de uma formação que abranja os múltiplos saberes, as diversas problemáticas e suas complexidades.

Assim, afirmamos que a educação brancocêntrica, patriarcal e privilegiada é insuficiente para a construção de um arcabouço teórico-metodológico que contemple a diversidade – elemento constituinte nas práticas pedagógicas e educativas. E, por esse motivo, reconhecemos e valorizamos os afrossaberes (bem como os saberes indígenas, do campo, dos terreiros, dentre outros) como fundamentais para esperarmos, planejarmos e construirmos uma escola engajada, inclusiva, amorosa e libertadora.

Considerando esse contexto, apresentamos uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida coletivamente na experiência de um grupo de Iniciação Científica vinculado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará. O projeto intitulado “Formação em Pedagogia, Intelectualidade Negra e as construções de saberes-práticas antirracistas” tem como objetivo aprofundar a investigação sobre como a graduação em Pedagogia pode colaborar com as construções de saberes-práticas antirracistas e justifica-se pela urgência da abordagem das relações étnico-raciais na formação de professores, assim como no uso desses saberes na prática pedagógica.

Conta com a coordenação de duas docentes: professoras Juliana Santana e Gabriele Antunes, bem como com a participação de seis pesquisadoras graduandas em Pedagogia (UECE), dentre as quais três são autoras deste texto. Durante o ano de 2025, o grupo vem se constituindo esse espaço-tempo de encontros, construção de saberes-práticas antirracistas, acolhimento, debates/reflexões sobre raça, gênero e interseções, leitura e estudos de intelectualidades negras, produção de ciência, dentre outros.

Por se tratar de pesquisadoras que se autodeclaram racialmente de formas distintas, sendo quatro mulheres negras e uma branca, utilizamos dois aparatos teórico-metodológicos para apresentar e discutir dados: a Escrivivência, de Conceição Evaristo (2020) e o Relato de experiência (Mussi, Flores e Almeida, 2021).

O objetivo geral da pesquisa é compreender quais as contribuições das intelectualidades negras na formação em Pedagogia e, para tal, o texto está organizado em Introdução, Metodologia, uma seção de Fundamentação Teórica, em que utilizamos autoras/es negras/os para discutirmos conceitos-chave como Epistemicídio (Nascimento, 2016), lugar das mulheres negras acadêmicas (Collins, 2019), Branquitude (Bento, 2022), dentre outros. Seguimos com a apresentação e discussão de dados provenientes das experiências das autoras, fechando com as Considerações Finais e (Afro)referências.

2. METODOLOGIA

Com abordagem qualitativa, esta pesquisa se estruturou a partir de dois operadores teóricos: a Escrivência (Evaristo, 2020) e o Relato de Experiência (Mussi, Flores e Almeida, 2021). A decisão de associar essas duas técnicas de escrita se dá pela pluralidade que atravessa suas autoras: das cinco pesquisadoras, quatro são mulheres autodeclaradas negras e uma se autodeclara branca. Ao longo do ano de 2025, nós compomos um projeto de pesquisa que se dedica a compreender a formação em pedagogia a partir da perspectiva étnico-racial. Essa escrita, como algumas outras, advém dessa profícua parceria.

Honrando o legado das metodologias forjadas por mulheres negras, essa diferenciação torna-se importante para explicitar que a Escrivência evaristiana nasce a partir da experiência de vida dessas mulheres, enraiza em seus saberes e faz brotar outros sentidos existenciais negro-femininos. Ao explicar que se inspirou na imagem da Mãe Preta, Evaristo (2020, p. 30) diz que “Escrivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle [...]”. Os fios que entrelaçam a escrivência partem de dois marcadores sociais fundamentais: raça e gênero. Assim, escrever é um movimento protagonizado e compartilhado por mulheres negras.

Compreendemos, ainda, que a luta antirracista não é responsabilidade somente da população negra – ou indígena, também pessoas vistas como “O Outro” pela branquitude (Bento, 2022) – e que as pessoas brancas também podem participar de forma coletiva ou individual da luta contra a discriminação racial. Por isso, contaremos com o Relato de experiência de uma mulher branca, que é compreendido “enquanto modalidade de redação crítica-reflexiva” (Mussi, Almeida e Flores, 2021, p. 3).

Acerca do recorte temporal, ao tratarmos de experiências e memórias, nos ancoramos em Leda Maria Martins (2021) para assinalar seu aspecto espiralar. Isso porque das cinco autoras, três compartilham a mesma década de formação inicial (2020) e currículo formativo, e duas ingressaram no curso de pedagogia na década de 2010 em instituições distintas. Essa espiralidade temporal faz com que

seus relatos e escrituras sejam diversos, pois podem apresentar diferenças curriculares e temporais. Isso, entretanto, não tira a potencialidade do diálogo e da possibilidade de compreender a formação em pedagogia através de um ponto de vista heterogêneo.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Falar sobre existências afro-femininas na universidade ainda é um desafio, apesar do impacto positivo que as políticas de ações afirmativas trouxeram para diversificar o perfil universitário no Brasil. Entretanto, como afirma Gomes (2017), ainda vivemos o dilema de que o perfil discente das universidades públicas brasileiras mudou, ao passo que sua estrutura e seus currículos insistem em atender perspectivas centradas no pensamento eurocêntrico. Angela Figueiredo (2020) aponta que nos últimos trinta anos a epistemologia de mulheres negras tem se fortalecido e isso está diretamente ligado à chegada coletiva de mulheres negras como estudantes e professoras nos ambientes universitários, espaço de validação social do conhecimento historicamente construído.

Esse fluxo dialético é um exemplo de como o epistemicídio (Nascimento, 2016) opera e em como as mulheres negras o têm desafiado a partir de sua práxis, seu desenvolvimento intelectual e a valorização de saberes a partir de um movimento que chamamos, política e afetivamente, de “uma puxa a outra”. Portanto, para nós não é suficiente “acessar”: torna-se necessário garantir nossa permanência, e isso se faz também no questionamento de currículos e diretrizes que não pautam a diversidade, que não colocam como referência o pensamento de pessoas socialmente marginalizadas.

Collins (2019), ao analisar o lugar das mulheres negras acadêmicas, forja o conceito da “forasteira de dentro”. Mesmo sendo intelectuais e docentes notáveis, essas mulheres ainda são vistas como não-pertencentes desse universo. Isso porque, historicamente, a universidade foi feita por e para um perfil: o homem branco (hooks, 2017). Em contrapartida, as mulheres negras foram relegadas aos papéis marginalizados socialmente. Assim, estar no lugar de construção de conhecimento ainda é visto com desconfiança, como se não fossemos intelectualmente capazes desse feito. Mas são as forasteiras de dentro, a partir da perspectiva crítica e do comprometimento com a luta coletiva por libertação, que inserem e validam saberes outros na universidade.

Esse movimento, se feito de forma solitária, pode ser adoecedor. Longe de conseguir com uma única ação expurgar o racismo, o sexismo e o classismo que ainda sustentam a estrutura acadêmica, o que fazemos é descobrir, percorrer e “alumiar” caminhos outros que nos conduzem até outras mulheres negras e que as trazem até nós.

Desta forma, ao nos debruçarmos em temas sensíveis a nós, vamos construindo ciência acadêmica e ciência de nós, individuais e coletivas, atravessadas por questões que relacionam nossas experiências de vida à formação em Pedagogia, como a realidade escolar de crianças e infâncias negras, as problemáticas envolvendo a escolarização de mulheres negras, “evasão” escolar e resistência acadêmica, o lugar da mulher negra na docência no Ensino Superior, bem como os impactos da branquitude e seus privilégios na manutenção do racismo e na luta antirracista. Dentre tantos outros, esses temas/conceitos nos mobilizaram nesta produção.

Após percorrer caminhos solitários, encontrar a intelectualidade negra foi a certeza de que esse sentimento não caminharia mais conosco. A universidade, muitas vezes marcada pelas ausências, encontrou eco nas vozes de diversas intelectuais que abriram frestas para pensarmos a educação antirracista desde a infância. Assim, refletir sobre as infâncias negras durante a formação inicial significa compreender que essas experiências não podem ser reduzidas a categorias abstratas ou discursos generalizantes.

Sousa e Santana (2025), em pesquisa realizada com estudantes negros/as/es do curso de Pedagogia da UECE, revelaram que a maioria deles não receberam afeto e acolhimento durante a infância no espaço escolar, ou seja, essas crianças conheceram de forma mais intensa as violências raciais do que o afeto e o fortalecimento da sua identidade racial através da educação. Esses achados reverberam na maneira como tais futuros professores se imaginam atuando com crianças negras e não-negras, pois muitos deles prospectam uma experiência engajada e antirracista, quebrando ciclos.

Nesse contexto, Gomes (2021) enfatiza a importância de enfrentar o racismo e descolonizar práticas pedagógicas, ou seja, transformar a escola em um espaço de combate às desigualdades e de promoção da justiça social. hooks (2017) acrescenta que a educação como prática da liberdade demanda transgressão, abertura à diferença e cuidado ético. Aplicado às infâncias negras, isso implica criar práticas pedagógicas que acolham, valorizem e reconheçam plenamente suas identidades, experiências e saberes.

Certamente que as complexidades envolvidas nas relações de crianças negras na escola, sobretudo pela ausência ou incipiência de práticas antirracistas, reverberam em seu processo de escolarização ao longo da vida. Cavalleiro (2022) explicita que o silenciamento na escola constitui uma forma de restringir crianças negras, afetando sua autoestima e identidade, tornando-as crianças e, futuramente adultas, mais retraídas e invisibilizadas. Por isso, também nos debruçamos nesta reflexão que é comum às nossas histórias e as histórias das nossas, de irmãs de vida e de experiências.

Bento (2022) nos convida a compreender que a presença negra em espaços historicamente negados se revela um ato de resistência. Entendemos que a marca do racismo, no caso da escola, aparece no contexto da não-identificação com a forma como os conteúdos são vivenciados, com as figuras de referência, bem como nesse hiato, contido no currículo branco-centrado, entre a intelectualidade e as mulheres negras.

hooks (2017), por sua vez, ressalta a importância da escuta como prática libertadora no contexto escolar. A pesquisa desenvolvida por Gomes, Santana e Antunes (2025) evidenciou que, para as mulheres negras entrevistadas, a ausência do diálogo contribuiu para que sua saída da escola ocorresse de maneira quase despercebida, reproduzindo processos de exclusão. Essas mulheres, que enfrentam as intersecções de diversas mazelas sociais, não costumam ter suas demandas acolhidas na escola, ainda que de forma subjetiva, fazendo com que se vejam sem outra saída a não ser sentirem-se intrusas e inadequadas nesse espaço.

Ressaltamos, nessas breves reflexões sobre infâncias negras e escolarização de mulheres negras, como o racismo ainda é um fator determinante nessas histórias e, em concomitância, como isso se deve pela grande influência do “pacto narcísico da branquitude”, conceito apresentado por Bento (2022), que indica uma espécie de “contrato” indireto firmado pela branquitude, com o intuito de sempre se manterem nos lugares de maior hierarquia, e assim, manter o controle da organização social.

Ao refletir sobre as desigualdades raciais na esfera corporativa, Cida Bento permite-nos também perceber essas características na esfera escolar, enquanto espaço de hierarquias, de reprodução e até criação de desigualdades, para além do papel central de educar. Tal percepção é importante, pois ao relacionarmos o debate racial com a educação, nos frustramos ao notar que na maioria das vezes, as histórias brancas são as mais contadas e reproduzidas, em detrimento das histórias afro-indígenas, que são invisibilizadas brutalmente. Reconhecemos o perigo da história única (Adichie, 2019), bem como a intenção de mantê-la mesmo diante de diversos mecanismos de articulação para a efetivação da Educação para as relações étnico-raciais (ERER).

É pertinente mencionar a Lei Nº 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira em todas as instituições de ensino, desde o Ensino Fundamental até o Médio, objetivando transformar a prática educativa e reconhecer a intelectualidade negra como fundamental para repensar a educação e a sociedade. Todavia, a aplicação da lei ainda não ocorre efetivamente em muitas escolas, uma vez que as estruturas branco-cêntricas seguem impedindo a presença negra nos currículos e experiências escolares, invisibilizando as contribuições da população negra para a constituição do país.

Nesse contexto, destacamos a reflexão de Ribeiro (2017), referente ao lugar de fala. A autora retrata a importância da presença e debates na luta antirracista por parte de pessoas brancas, não na posição de protagonistas, mas de agregados que contribuam com a causa. Sabemos que, socialmente, quem ainda detém maior visibilidade nos debates são pessoas não-negras; assim, existindo a participação delas nas discussões antirracistas, contribuiria para ajudar a alavancar a luta para lugares de poder.

Estas e tantas outras elaborações provenientes das intelectualidades negras permitem-nos vivenciar a formação em Pedagogia de forma mais ampla, diversa e aproximada das realidades. Elas também nos apontam possibilidades de vivenciarmos a escola e a educação como prática de liberdade, rompendo com as amarras históricas, sinônimas do atraso e das desigualdades. Assim, a seguir, através das escrituras e do Relato de experiência, colocamos tais teorias em diálogo com nossas práticas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Meu nome é Larissa Karen, sou uma mulher negra e graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Minha trajetória acadêmica teve início marcada por diversos desafios, especialmente no que diz respeito à escrita. Por muito tempo, considerei distante da minha realidade a possibilidade de me tornar pesquisadora. No entanto, ao ingressar no mencionado grupo de Iniciação Científica (IC), essa insegurança começou a ser desconstruída e percebi o quanto essa experiência foi fundamental para desmistificar padrões impostos no currículo pedagógico. Além disso, contribuiu diretamente para a construção da minha identidade como mulher negra. A leitura de autoras negras que dialogam com minha pesquisa proporcionou a sensação de estabelecer uma verdadeira conversa com elas, o que considero uma vivência transformadora. Simultaneamente, minha entrada no ambiente escolar, atuando com crianças do Ensino Fundamental, foi essencial para minha formação enquanto pesquisadora e para a definição da minha linha de pesquisa. Atualmente, desenvolvo atividades voltadas à educação antirracista no ambiente escolar, como rodas literárias, rodas de conversa e ações de heteroidentificação com a temática: “Quem sou eu?”.

Tenho, ainda, desenvolvido estudos que têm como foco a evasão escolar de mulheres negras. O interesse por esse tema surgiu ao perceber que as mulheres da minha família não concluíram a Educação Básica. Esse dado, inicialmente, me causou estranhamento e inquietação, pois fui a primeira da minha família a ingressar na universidade. Essa diferença me levou a questionar: por que eu sou a primeira? A partir desses questionamentos e com o apoio do grupo de pesquisa IC, iniciei uma investigação sobre as razões que levaram essas mulheres a interromperem seus estudos. Construí os dados a partir de entrevistas com três mulheres da minha família.

A experiência de entrevistá-las foi profundamente emocionante e significativa. Ouvei relatos que jamais imaginei que viriam de mulheres que, até então, aparentavam ser inabaláveis. No entanto, ao escutá-las, percebi que, em seu íntimo, existia o desejo de ter continuado os estudos. Diversos fatores sociais impediram essa continuidade, entre eles a ausência de um acolhimento adequado na escola, um espaço historicamente negado para mulheres negras e periféricas (hooks, 2017). A pesquisa me trouxe inúmeros desafios, especialmente emocionais, pois foi doloroso ouvir suas histórias e reconhecer o quanto foram negligenciadas por uma estrutura social excludente (Davis, 2016). São mulheres extraordinárias, com saberes potentes, mas que não tiveram a oportunidade de vivenciar a escola como espaço de pertencimento.

Em muitos momentos, eu me emocionei profundamente. O sentimento que permanecia era de desamparo, persistindo a pergunta: “Quem cuida de quem cuida de nós?” Havia, em mim, o desejo de voltar à infância delas e fazer tudo de forma diferente. Diante disso, senti-me mais motivada a levar para as crianças da escola em que atuo ações de educação antirracista, entendendo esse gesto como resistência e reafirmação da nossa existência em um espaço que historicamente nos foi negado. Assim, reafirmo que o meu trabalho na escola é uma forma de proporcionar às crianças negras de hoje aquilo que as mulheres da minha família e tantas outras não puderam vivenciar. Isso é por nós.

Sou Vitória Maria Silva Sousa, estudante do curso de Pedagogia da UECE, mulher negra e pesquisadora em (re)construção sobre ERER. Durante muito tempo, me enxerguei em uma via solitária, marcada pelas consequências de uma infância atravessada de silenciamentos, o que interferiu diretamente nas minhas relações sociais e, principalmente, comigo mesma. A insegurança, o medo e a ansiedade foram presenças constantes, fatores que me impediam de falar e me ensinaram, desde cedo, a silenciar e a expressar minhas dores apenas através da escrita – mesmo sem conseguir, naquele momento, nomeá-las como violências.

Foi no processo de letramento que venho construindo enquanto mulher negra na Universidade, especialmente por meio do Coletivo Mapinduzi (grupo de estudos e leitura de intelectuais negras) e do Grupo de Pesquisa IC, que passei a compreender tais experiências como violências que marcaram minha infância e adolescência. Cavalleiro (2022, p. 98) ressalta “o silêncio que atravessa os conflitos étnicos na sociedade é o mesmo que sustenta o preconceito e a discriminação no interior da escola”.

Não raras vezes, somos nocauteadas com o discurso de que não existe racismo nas escolas, sobretudo com crianças pequenas, porém essa é uma falácia. Em pesquisa desenvolvida no curso de Pedagogia da UECE, Sousa e Santana (2025) identificaram uma relação negativa de pessoas negras com o afeto e o acolhimento na infância, sobretudo no espaço escolar, na qual de maneira preocupante se observou que, para muitas delas, o carinho foi ausente ou insuficiente.

Nesse contexto, ao conhecer o amor – e o amor como uma ação, não apenas um sentimento (hooks, 2021), isso se tornou um compromisso político e ético em minha trajetória, principalmente quando se trata das crianças, sobretudo as negras. Resignificar a presença histórica de violências nas escolas e assumir o compromisso de que tais práticas não se reproduzam, é reafirmar a certeza de que a educação transforma e de que a escola deve ser, em sua complexidade, um espaço de inclusão, afeto e amor.

Entretanto, é importante reconhecer que, muitas vezes, profissionais da educação acabam por reproduzir discriminações e estigmas no cotidiano escolar e que, portanto, é urgente a promoção da justiça social nesses espaços. Essa transformação não pode se restringir a discursos ou momentos pontuais sobre a história e a cultura afro-brasileira, exige, sim, uma reestruturação profunda das práticas pedagógicas, do currículo e das relações escolares, de modo que as crianças negras sejam respeitadas em sua totalidade.

hooks (2017), ao defender a educação enquanto prática da liberdade, convida-nos a transgredir, a construir práticas pedagógicas que acolham, valorizem e reconheçam plenamente as identidades, experiências e saberes, rompendo com os silenciamentos e violências e possibilitando que a escola se torne um espaço de libertação e de justiça.

Dessa forma, pensar a educação para as relações étnico-raciais é reconhecer que o desafio não está apenas em denunciar o racismo, mas em criar alternativas concretas de enfrentamento. É assumir que a escola pode ser tanto espaço de reprodução de violências quanto de reinvenção e cura. Nesse processo, a intelectualidade negra tem se constituído como um referencial indispensável à trajetória acadêmica e pessoal. É através dessas autoras que encontro não apenas respaldo teórico, mas também a validação de experiências que, por muito tempo, foram silenciadas. Ao acessar suas obras, reconheço que não estou só, e que há uma rede de saberes construída historicamente por nossos ancestrais e por tantas intelectuais amigas que nos cercam diariamente. É nessa rede de amor que habita força e esperança.

Como as demais mulheres, também gostaria de me identificar, meu nome é Amabyly Pessoa, sou graduada em Pedagogia pela UECE, e sou uma mulher branca. Minha trajetória na luta antirracista começou oficialmente em 2024, ao decidir pesquisar sobre qual o lugar de fala de uma pessoa não negra nessas discussões (Ribeiro, 2017; Santana e Pessoa, 2024), e desde então tenho buscado me aprofundar na temática. Diferentemente das outras pesquisadoras, eu não me sentia deslocada dentro da universidade, mas ao mesmo tempo não me sentia intelectual o suficiente para debater o tema com os colegas nas raras vezes em que era mencionado em sala.

O contato com a intelectualidade negra me ajudou a (re)descobrir-me enquanto pessoa, enquanto ser político. Apesar de sempre ter gostado de pesquisar e dialogar sobre temas ditos “polêmicos”, pesquisar sobre branquitude e racismo foi uma mistura de um grande incômodo e medo, talvez por ser uma mulher branca e temer reconhecer os privilégios que “recebo” (Bento, 2022) apenas devido ao meu tom de pele.

Durante o processo de letramento, pude reconhecer o “ser branca” como uma questão racial, repensando a normalizada ideia de “ser universal”. Consegui identificar práticas que eram racistas, contudo, normalizadas e mascaradas pela sociedade para soarem como “brincadeira”. (Re)conheci quais benefícios eram vindouros de uma época de humilhação e exploração do povo negro e, com isso, fui renunciando benefícios e anunciando práticas como formas de combate e enfrentamento ao racismo.

É interessante enxergar como esse movimento de (re)conhecimento, alinhamento e racialização impacta no nosso cotidiano. Eu, que nunca pensei em escrever sobre qualquer assunto, estava adentrando em um espaço delicado e de luta e, naturalmente, encaminhando todas as minhas pesquisas e ações para uma perspectiva antirracista. Logo me juntei ao nosso grupo de iniciação científica com o objetivo de me engajar ainda mais e conhecer mais intelectuais negras. Embora no início tenha me sentido um pouco retraída por ser a única mulher branca, fui muito bem acolhida e as demais pesquisadoras nunca me inviabilizaram no meio delas por isso.

Noto o quanto ainda é preciso reforçar a presença de mais pessoas brancas nesse movimento, como ainda é necessário lutarmos por uma normalização dessa união entre negras(os) e brancas(os), que beneficia a toda sociedade. Essa experiência impacta sobremaneira na minha formação, visto que, a partir das minhas vivências pessoais e de formação, possivelmente me sentiria limitada em relação à ERER; no entanto, ao acessar intelectualidades negras e produzir conhecimento em colaboração com elas, assumo um lugar diferente, engajado e privilegiado nesta luta.

Assim como as pesquisadoras do nosso grupo de iniciação científica – Larissa, Vitória e Amabyly – eu, Gabriele Antunes, também fui formada pedagoga pela UECE. Durante um tempo, apesar do engajamento político, eu me sentia uma forasteira de dentro (Collins, 2019) e esse sentimento só foi transformado a partir do meu encontro teórico e afetivo com outras mulheres negras, nos livros e no cotidiano da universidade. O movimento espiralar que me trouxe de volta à instituição em 2024 foi a aprovação na seleção que me tornou professora temporária do Curso de Pedagogia. Essa experiência tem sido fundamentada e atravessada pelos referenciais e pressupostos da Pedagogia Feminista Negra (PFN), uma práxis que nasce do pensamento de mulheres negras e centraliza seus saberes como necessários no processo educativo (Pinho, 2022).

Sendo uma professora cuja prática tem fundamento na PFN, compreendo a sala de aula como um espaço em que reconhecemos a existência de uma hierarquia, mas decidimos, coletivamente, o que iremos fazer acerca disso: minha posição enquanto professora irá reforçar opressões ou lutar contra elas? Enquanto estudantes, haverá engajamento ou apenas a espera da transmissão de conhecimento? Assim, a PFN tem desestruturado muito do que aprendi sobre educação numa perspectiva tradicional. Nossa sala de aula tem música, risadas, espaço para a raiva e para a tristeza. E isso, por menor que possa parecer, é um movimento coletivo e corajoso que nega a alienação (hooks, 2017) a qual somos submetidas/os/es enquanto estudantes e docentes, quando aponta que o conhecimento deve ser objetivo e fundamentado em fatos imutáveis. Para nós, o conhecimento dança, corre solto pela sala.

Profundamente tocada pelos relatos escritos e compartilhados até aqui, trago um pouco da minha experiência. Sou Juliana Santana, professora do curso de Pedagogia da UECE, mulher negra, neta da dona Maria Dasdores – uma mulher negra, semianalfabeta, que me ensinou a ler o mundo – e, há anos, uma ativista da inclusão em educação considerando os múltiplos significados que essa denominação pode assumir.

Desde que me tornei professora efetiva, em 2023, tenho passado mais sistematicamente pelo letramento racial e aproximação das intelectualidades negras, estando amparada e encorajada por estudantes, amigas/os/ues, pesquisadoras/es e por uma ampla rede de afrorreferências. Destaco a coletividade como aspecto central para o enfrentamento ao racismo e fortalecimento de práticas educativas engajadas; é através das experiências coletivas que nos reconectamos com nossa ancestralidade, compreendendo a força e relevância desses saberes que resistem ao tempo e às inúmeras tentativas de apagamento, configurando-se em nós e através de nós.

Enquanto professora e pesquisadora da ERER, acesso um universo de afrossaberes ao tempo em que, num compromisso com a educação antirracista, incluo essas referências em meus planos de aula, compartilhando com as turmas essas leituras e metodologias de aula afrorreferenciadas, sobretudo pela PFN, prezando pelo encantamento, pela participação ativa dos estudantes, pelo engajamento com os cotidianos e as histórias de vida, pelo compromisso com o empoderamento negro e as referências afro-indígenas, pela diversidade ética e estética (Pinho, 2022), dentre outras. Falar e fazer ERER na formação inicial de Pedagogia tem sido revolucionário!

Ao fazer leituras sobre mulheres negras no Ensino Superior, compreendo que enquanto “forasteira de dentro” (Collins, 2019), vivencio e compreendo as situações, sobretudo as opressões, por uma perspectiva única (não individual, pois a compartilho com outras mulheres professoras negras) que reconhece o não pertencimento

nesse espaço que ainda é tão embranquecido, ao mesmo tempo em que constato a relevância de sua presença e de suas produções intelectuais enquanto resistência e luta/conquistas por justiça social. Dentre elas, destaco o fato de compor grupos que estudam intelectuais negras e educação antirracista, formados majoritariamente por graduandas/os/es negras/os/es, bolsistas ou voluntárias/os/es que se descobrem, nesse exercício, como sujeitas/os/es potentes, intelectuais e agentes de transformação através da educação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal compreender quais as contribuições das intelectualidades negras na formação em Pedagogia. Para respondê-lo, utilizamos escrituras e Relato de experiência de cinco pedagogas que estão conectadas por diversos marcadores sociais e, principalmente, pelo desejo de uma educação transformadora, amorosa e engajada e por uma sociedade livre de preconceitos.

Os dados aqui apresentados revelam a potência do acesso, da permanência e, sobretudo, do encontro dessas mulheres na Universidade, pois vem delas – e de suas mais velhas e ancestrais – o compromisso com os diversos saberes, em destaque neste estudo os afrossaberes e com práticas que tornam a educação acessível, pulsante, dançante, inclusiva, contextualizada. Considerando a coletividade, o respeito e valorização às diferenças, a escuta atenta e os lugares de fala, a afetividade enquanto ação, o compromisso radical com a justiça social e o empoderamento negro, dentre tantas outras premissas pautadas por nossas negras referências e compreendidas por nós como base para nossas produções de novos saberes e práticas, concluímos, por hora, que as contribuições das intelectualidades negras na formação em Pedagogia oportuniza a nós uma experiência diferenciada quanto à compreensão do desenvolvimento humano e social e dos processos de ensino e aprendizagem, dentre outras temáticas, sendo esta compreensão mais complexa, ampla e eficaz para o exercício da docência e/ou das demais atuações possíveis à/ ao pedagoga/o/e.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2022.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. **A Escrivência e seus subtextos**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Artes, 2020. p. 26-47.

FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Revista Tempo e Argumento**, v. 12, n. 29, p. e0102, 2020. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180312292020e0102>. Acesso em: 19 set. 2025.

GOMES, Nilma Lino. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. **Revista De Filosofia Aurora**, v. 33, n. 59, p. 435-454, mai./ago. de 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/27991>. Acesso em: 19 set. 2025.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. São Paulo: Editora Vozes, 2017

GOMES, Larissa Karen de Paula; SANTANA, Juliana Silva; ANTUNES, Gabriele da Silva. Reflexões sobre desigualdade educacional e a evasão escolar de mulheres negras. **Anais... XV Fórum Internacional de Pedagogia (XV FIPED)**. Serra Talhada (PE), AESET, 2025. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/xv-forum-internacional-de-pedagogia-xv-fiped-502395/1145674-REFLEXOES-SOBRE-DESIGUALDADE-EDUCACIONAL-E-A-EVASAO-ESCOLAR-DE-MULHERES-NEGRAS>. Acesso em: 19 set. 2025.

HOOKS, bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar: Poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fabio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60–77, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 18 set. 2025.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado**. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva, 2016.

PESSOA, Amabyly Paulina Carvalho; SANTANA, Juliana Silva. O lugar de fala de pessoas não negras nas questões antirracistas. **Revista Educação, Ensino e Interdisciplinaridade em Foco (EdeinFo)**, v. 1, n. 1, 2024. Disponível em: <https://revistas.aiamis.com.br/index.php/edeinfo/article/view/110>. Acesso: 18 set. 2025.

PINHO, Carolina Santos B. de. **Pensamento feminista negro como orientação teórico-metodológica de uma Pedagogia Revolucionária**. IN: PINHO, Carolina; LIMA, Thayná Victória de Lima (org). *Pedagogia feminista negra: primeiras aproximações*. São Paulo: Veneta, 2022, pp 17-43.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SOUSA, Vitória Maria Silva; SANTANA, Juliana Silva. Graduandos(as) negros(as), afetividade (ou não!) Na infância e seus impactos na formação docente no curso de pedagogia. **Anais... XV Fórum Internacional de Pedagogia (XV FIPED)**. Serra Talhada (PE) AESET, 2025. Disponível em: [https://www.even3.com.br/anais/xv-forum-internacional-de-pedagogia-xv-fiped-502395/1118198-GRADUANDOS\(AS\)NEGROS\(AS\)-AFETIVIDADE-\(OU-NAO\)-NA-INFANCIA-E-SEUS-IMPACTOS-NNA-FORMACAO-DOCENTE-NO-CURSO-DE-PED](https://www.even3.com.br/anais/xv-forum-internacional-de-pedagogia-xv-fiped-502395/1118198-GRADUANDOS(AS)NEGROS(AS)-AFETIVIDADE-(OU-NAO)-NA-INFANCIA-E-SEUS-IMPACTOS-NNA-FORMACAO-DOCENTE-NO-CURSO-DE-PED). Acesso em: 19 set. 2025.